

# LEITURA LITERÁRIA: CONFIGURAÇÕES ATUAIS, LIMITAÇÕES E POSSIBILIDADES

Nelcy Teresinha da Rosa Kegler (UEL)<sup>1</sup>

*Resumo: O artigo apresenta elementos relacionados à questão da leitura literária e à participação das instituições educacionais no processo de formação de leitores. Traça, também, um panorama da leitura frente ao resultado da última pesquisa do Pisa, de 2016, e apresenta programas e ações nacionais de promoção da leitura, bem como as novas mídias e o texto literário. Destaca o papel das organizações culturais, como as bibliotecas, na promoção da leitura, e o acesso das comunidades aos recursos informacionais. Por fim, expõe os desafios da leitura literária em relação à formação de leitores críticos providos de valores de cidadania no contexto dos desafios e exigências da sociedade contemporânea.*

*Palavras-chave: Leitura. Leitura literária. Práticas e ações de leitura. Cidadania.*

## Introdução

A literatura vem acompanhando a humanidade há muito tempo, juntamente com outras expressões de arte, como a música, a dança, o teatro, entre outros. Sua origem está na expressão latina *littera*, que significa “letra”, ou seja, a “literatura é a arte da palavra” (Cereja 1999: 10). O termo está ligado à linguagem, mas não está preso a ela (que lhe dá suporte). Pelo contrário, revoluciona as suas regras por intermédio do uso livre da língua. Como um instrumento de comunicação, a literatura cumpre, também, o seu papel social de transmissora de conhecimentos e cultura de uma comunidade (Amorim 2010: 1).

O verbo “ler” tem sua origem no latim *legere*, que significa “ler” e “colher”. Sendo assim, enquanto ato criador, “ler” reporta a “colher conhecimento”, pois permite redimensionar o que está estabelecido, introduzindo um novo mundo e,

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários, da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: [nrosa27@hotmail.com](mailto:nrosa27@hotmail.com).

assim, a uma nova percepção do que está ao redor (Vargas 1997: 6). Por meio das palavras contidas num texto literário, portanto, a leitura promove a interação linguística, cognitiva e social, proporcionando novos processos de aprendizagem.

Este artigo visa trazer alguns elementos para o debate sobre o papel da leitura literária no contexto nacional, nos espaços educacional, social e organizacional. O método utilizado é, basicamente, a revisão documental e de literatura sobre o tema, além de relatos de experiências e dados de pesquisas recentes que se reportam à configuração da leitura em nível educacional.

### **Potencialidades do campo da leitura literária**

A leitura passou por diferentes papéis e transformações no decorrer da história da humanidade. Kilian e Cardoso (2012: 2) mencionam que: “Inicialmente, cumpria seu papel por meio da oralidade; após, houve a invenção da leitura silenciosa na Grécia Antiga; e, hoje, articula-se com os mais variados processos de circulação, especialmente, com a mídia eletrônica”. No Brasil, a leitura surgiu com os portugueses, por intermédio da Família Real, que nos primórdios do século XIX, criou e trouxe consigo a primeira instituição vinculada à leitura – a Biblioteca Nacional (Biblioteca Nacional 2017).

Acerca da formação de leitores, percebe-se que a família e a escola são as primeiras mediadoras da leitura, especialmente a literária, que é fundamental para a base motivacional das práticas leitoras. Assim, Quevedo (2002: 72-73) menciona que:

[...] a escola deveria trabalhar com os vários tipos de textos: os informativos, como jornais e revistas; os formativos, livros técnicos específicos de cada área do conhecimento. Porém, de modo especial, necessita voltar-se por um tipo de texto que, por sua natureza criadora, estimula e desenvolve a compreensão do aluno acerca da vida em seu sentido mais amplo e humano. Este é o texto literário, capaz de lançar luzes à compreensão da vida como nenhum outro o faz.

O texto literário traz o imaginário, a linguagem e a interação com a subjetividade do leitor, constituindo-se em objeto e instrumento que permitem, desde a mais tenra idade, de forma prazerosa, compreender a magia das letras e a interação com o mundo da escrita.

Ao longo da vida, no desenvolvimento pessoal e na formação do jovem e, posteriormente, na vida adulta, a leitura traz as mais variadas possibilidades de opções, cujos enredos e histórias permitem ao sujeito leitor refletir sobre a vida e a realidade do mundo, ampliando o seu universo de vida, tanto cognitivo quanto de vocabulário, bem como os seus conhecimentos, sentidos e possibilidades.

Além desse “olhar” especial sobre o papel da literatura na vida humana, no Brasil a leitura é campo de pesquisas a partir da década de 1980. Tais iniciativas por diferentes pesquisadores, como Silva (1997, 2003), Bordini e Aguiar (1988), Kleiman (2008), Lajolo (1993) e Zilberman e Rossing (2009), entre outros, ainda se mostram desencantadoras. Conforme destaca Mello (2010: 177-178), o Ministério da Cultura, neste período, aponta para baixos índices de leitura, isto é, “[...] de 1,8 livros per capita/ano, índice que, se comparado aos países europeus ou mesmo com vizinhos

latinoamericanos, como a Colômbia, em que a leitura é de 3,4 livros por habitantes, revela o quando estamos aquém do mínimo desejável”.

Estudo semelhante foi encomendado pelo Instituto Pró-Livro, entidade mantida pelo Sindicato Nacional de Editores (Snel), Câmara Brasileira do Livro (CBL) e Associação Brasileira de Editores de Livros Escolares (Abre-livros), realizado pelo Ibope e publicado em 2016 pelo *Retratos da Leitura no Brasil*. A pesquisa ouviu 5.012 pessoas, alfabetizados ou não, a mesma amostra da pesquisa da edição anterior, as quais representam 93% da população brasileira, segundo o Ibope. Para a realização do estudo, foi considerado leitor quem leu um livro inteiro ou partes nos últimos três meses. O estudo apontou que o brasileiro lê apenas 4,96 livros por ano, dos quais 2,43 livros foram concluídos e 2,53 lidos em partes. A média anterior foi de quatro livros por ano. Um fator preocupante indica que a leitura ficou em 10º lugar em relação às demais atividades realizadas pelo leitor em seu tempo livre. Perdeu para assistir televisão (73%), ouvir música (60%) e usar a Internet (47%), os quais ocupam os primeiros lugares, antes da leitura (Rodrigues 2016).

Com isso, é possível afirmar que por trás das potencialidades e das dificuldades do campo da leitura literária existem várias questões que interferem sobremaneira nas escolhas do leitor. E, apesar de a educação ser cada vez mais compreendida como essencial à melhoria das condições de vida e de participação social do sujeito, o processo de ensino e aprendizagem tem deixado muito a desejar, especialmente quando se refere à leitura e à produção textual (Amorim 2010: 3).

Apesar das inúmeras limitações, especialmente de recursos nos diversos espaços educacionais, ainda é possível pensar num ambiente em que a cultura literária possa circular, seja nos corredores, nas bibliotecas, nas salas dos professores, nas atividades recreativas, entre outras. Luzia de Maria (2009: 168) conclama até aos pais para que venham nas escolas onde, além de consertar cadeiras ou jogar futebol, sejam parceiros na leitura e discussão das obras literárias. Essas e outras ações envolvem determinação e mediadores que possam romper os limites impostos pela realidade, entre eles a falta de recursos materiais e humanos, permitindo que a criatividade, a ação e a vontade se sobreponham às barreiras da realidade.

### **Desafios no campo da leitura literária: escolhas e mediações**

Fóruns e eventos têm participado de forma ativa no levantamento de questões e problemas que tratam da leitura, principalmente em relação à dificuldade e falta de motivação dos jovens.

Estudo produzido por Amorim (2010) faz referência à importância das práticas de leitura literária para o aluno da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A autora destaca o papel do professor no processo de formação do aluno leitor enquanto sujeito participante e motivador do processo. Para ela, contudo, não basta “[...] simplesmente essa consciência e sim, fazer com que o aluno possa despertar o senso crítico a partir do incentivo” (Amorim 2010: 2). Alerta, ainda, para a questão de a leitura não ficar vinculada aos conteúdos presentes nos livros didáticos, e destaca a necessidade de um trabalho com ampla variedade de textos e/ou gêneros, o que permitirá aos alunos acompanharem os diferentes conteúdos curriculares, interagindo e se situando nos diversos contextos. Isto confirma o fato de que ler é um

processo amplo e complexo, que exige constante trabalho, interação e motivação no dia a dia.

Silva (2003: 516) também manifesta preocupação com relação à utilização dos livros didáticos, como material preponderante na exploração da leitura, e manifesta que “[...] os livros didáticos ao apresentarem, em sua maioria, a compreensão textual com base em esquemas de interpretação preestabelecidos, restringem a recepção do aluno-leitor, uma vez que não lhe é dada a oportunidade de manifestar a sua leitura.”

O autor comenta, ainda, que embora alguns manuais didáticos discutam hoje

[...] a literatura à luz das contribuições da teoria e crítica literárias, muito ainda revelam concepções estigmatizadas acerca da literatura, apresentando atividades superficiais, não estimulando o leitor a inferir, preencher as entrelinhas e reconstruir as pistas textuais até atingir um nível maior de criticidade no ato de ler. Nesse sentido, o leitor não consegue desenvolver uma compreensão mais ampla do texto literário, pois o papel dinâmico do receptor é subestimado, sufocado pela leitura imposta pelos roteiros de interpretação (Silva 2003: 516).

Vários pesquisadores e estudiosos têm apresentado a questão da leitura e da leitura literária como possibilidade de ir além de “decifrar o escrito”, insistindo para que o ato de ler não seja confundido apenas com a leitura mecânica, sem a compreensão do contexto. Salientam essa necessidade principalmente numa sociedade globalizada como a contemporânea, em que a leitura e a escrita são instrumentos que permitem ao leitor ou alunos desempenharem, de forma mais incisiva e participativa, o seu papel na sociedade.

Freire (2008), destacado autor brasileiro, já comentava a respeito da leitura no sentido de ir além da “decodificação de signos”, atuando na orientação de sentidos e na ampliação da visão de mundo dos sujeitos leitores.

A leitura literária, foco de uma pesquisa realizada com jovens de escola pública estadual, revelou dificuldade de interpretação da linguagem trabalhada pelos textos literários que apresentam expressão conotativa. Tais aspectos refletem a falta de conhecimento da natureza do texto literário e demonstram uma abordagem ainda tradicional e autoritária em relação à leitura literária, pois os próprios jovens afirmaram que gostam de ler (Duarte; Werneck 2005).

Costa (2009: 112) salienta a necessidade da adoção de uma metodologia e postura por parte do professor em relação à leitura literária e aos leitores, que indique “[...] a passagem do autoritarismo e da imposição de ‘mandar ler’ para o compartilhamento das significações e para o esclarecimento das razões e da importância da leitura desloca a ênfase do trabalho docente da perspectiva do ensino e da aprendizagem”.

Maia (2012: s/p), por sua vez, acrescenta que:

a imposição de leituras canonizadas consiste em uma visão eurocêntrica que engloba questões de produção e de recepção de obras, que por muitos séculos ficou restrito ao da valorização prioritária do olhar da

elite, uma vez, que foram moldadas à maneira europeia, através da valorização prioritária do erudito da produção literária e às obras consagradas pelo meio intelectual dominante, que atendiam aos interesses dos 'letrados'.

Maia (2012: s/p) afirma também que a produção eurocêntrica consiste na valorização e na hegemonia das culturas colonizadoras que se sobrepunham aos colonizados, valorizando um discurso totalitário tradicional, de grupos abastados economicamente e de origem europeia, "[...] ao formular juízo de valor, afinando a importância de algumas obras e autores e menosprezando outros".

Estes aspectos revelam que há desvalorização do gosto do leitor ou do aluno, principalmente se ele não lê ou não gosta do padrão literário vigente.

Rodella (2014), em seus estudos, traz o questionamento de um jovem leitor voraz de Harry Potter em relação à dificuldade de leitura dos cânones literários: "Qual é o autor menos chato: Machado de Assis ou José de Alencar?" Tal questão levou a pesquisadora a investigar sobre "o que acontecia nas aulas de literatura daqueles estudantes para que os dois autores fossem considerados chatos"?

Com o objetivo de compreender as suas práticas de leitura literária, Rodella (2014) aplicou a pesquisa por meio de questionários e entrevistas a mais de 80 professores e 290 alunos e constatou um cenário preocupante. Na maioria das aulas, o trabalho com o texto é substituído pela memorização dos períodos históricos literários e das características de época. Além disso, a leitura dos clássicos, difícil sem uma mediação adequada, dá lugar à leitura de resumos, que obviamente não dão conta dos romances estudados.

A pesquisa também revelou que os alunos leem, talvez não aquilo que os seus professores gostariam, mas o que lhes interessa e dá prazer: livros de aventura, cheios de ação, que dão origem a seriados, filmes e videogames, e livros românticos, que as meninas devoram rapidamente. Essa "literatura de entretenimento" fica fora da sala de aula, sem direito à discussão ou reflexão.

Rodella (2014) sugere, como uma das primeiras ações para formar leitores críticos, trazer a literatura de entretenimento para dentro da sala de aula. "Trabalhar com o relato dessas leituras, debater a estrutura das narrativas, discutir seu apelo e sua recepção. É preciso partir do que os alunos leem para construir um repertório em comum". Em seguida, seria necessário tomar espaço nas aulas de português e incentivar a leitura de textos literários do cânone escolar. Ao contrário do que pensam muitos professores, ler em sala não significa "perda de tempo". Diversas pesquisas indicam que a prática da leitura - tanto a conjunta, em voz alta, como a silenciosa e solitária - incentivam a formação de jovens leitores. Quando professor e alunos planejam e preparam a leitura de um livro, eles buscam desvendar um texto e, a partir daí constrói-se uma interpretação coletiva, podendo surgir uma comunidade de novos leitores. Essas comunidades são a base para o alargamento dos horizontes de seus integrantes. Talvez aí Machado de Assis e José de Alencar possam deixar de ser "chatos", conclui a pesquisadora.

Para que a prática da leitura literária seja efetiva e de fato represente o veículo de formação de leitores, há necessidade de considerar aspectos como o gosto literário do aluno para que, posteriormente, possa ler textos mais densos, ampliando o seu

universo cultural. Para isso, o professor deve ter uma postura democrática e flexível em relação às opções literárias de seus alunos. A prática da leitura literária garante aos alunos uma porta de entrada para a leitura de textos mais complexos e para a grande herança – o mundo da cultura escrita.

Ando (2009) apresenta um estudo sobre os diferentes ângulos da leitura com base no papel do leitor, na teoria literária e na linguística. Conclui que tais aspectos resgatam a relevância do leitor no processo de leitura, “[...] uma vez que o texto não traz sentidos pré-fabricados, estes são constituídos em um ato de co-participação com o escritor”. Destaca, também, que os possíveis sentidos são dados por aqueles “[...] emergidos de um texto, bem como com aqueles elementos que podem ser convertidos em imagens mentais ou objetos imaginários, depende do trabalho de leitura do leitor” (Ando 2009: 92).

A pesquisadora destaca ainda que a leitura, à “[...] medida que a recepção leitora não ocorre de forma automatizada e passiva, como ocorre geralmente quando ligamos a TV, em que tudo nos é apresentado de forma pronta e acaba [...]”, exige um trabalho mais profundo, que “[...] conclama o leitor para que preencha os não ditos, espaços vazios e pontos de indeterminação, por meio de sua imaginação e cooperação interpretativa” (Ando 2009: 92).

Com relação à atividade leitora, a pesquisadora destaca a importância de um “olhar interdisciplinar”, pois há uma

[...] complexa rede de associações mentais em cadeia, vários processos cognitivos e metacognitivos, tais como: ativação de conhecimentos prévios, previsões, antecipações, adivinhações, formulação de hipóteses, confirmação, refutação ou reformulação de hipóteses, inferências e pressuposições, de forma a possibilitar uma constante interação entre texto e leitor (Ando 2009: 92).

Para que na escola, principal espaço de desenvolvimento das habilidades leitoras, haja o aprofundamento das potencialidades do texto e dos seus diferentes aspectos, é necessária a mediação do professor, que é o motivador da leitura literária, sendo ele próprio também um leitor. Neste sentido, Martins (2015) comenta que nas atividades pedagógicas é necessário que se planeje as aulas, reservando um período para a leitura. Em relação à importância da instituição escolar no processo da leitura, o autor afirma que este “[...] é o lugar onde a maioria aprende a ler e escrever e muitos têm sua talvez única oportunidade de contato com os livros” (Martins 2015: 25). Sendo assim, cabe ao professor buscar meios para que as atividades de leitura em sala de aula não se tornem monótonas e cansativas, cabendo-lhe propor atividades variadas com diferentes gêneros textuais. Estes suportes devem ser trabalhados no sentido de fazer uma correlação com o dia a dia dos alunos, ou seja, é necessário planejar aulas que deem sentido ao ler e escrever.

Estudo semelhante foi realizado por Mello (2010: 178), que do ponto de vista do interesse pela literatura revela que as crianças que passam pelas escolas, em certos casos, saem piores do que quando entraram, pois quando chegam às primeiras séries demonstram fascínio pela leitura, o que diminui na proporção inversa da escolarização da literatura quando deixam o Ensino Fundamental, pois já não soa

estranho ouvi-las dizer que não gostam de ler. O autor destaca dados de um estudo realizado pelo Grupo de Pesquisa e Literatura e Educação (Unicentro) numa escola de Ensino Fundamental e Médio da periferia de Guarapuava (PR). O estudo também mostra que no Ensino Médio a tendência de queda de interesse se mantém, embora atenuada. Mello (2010, p. 178) aponta entre as possíveis causas do fenômeno, a precária formação dos professores, e comenta que “[...] em um país onde não há o hábito da leitura, é normal que os jovens cheguem aos cursos de Letras e Pedagogia sem um repertório desejável para quem objetiva ensinar literatura”.

As dificuldades na formação de professores são desafios que devem ser superados, pois revelam a necessidade de cursos de licenciatura, principalmente nos campos de Letras e Pedagogia. Da mesma forma, é preciso rever os seus Projetos Político-Pedagógicos e desenvolver um trabalho relativo a metodologias atrativas que motivem o público leitor nos diversos níveis de ensino e aprendizagem.

Mello (2010: 180) também alerta para o fato de:

[...] as soluções para o problema da falta de leitura literária requerem uma integração entre o Ensino Superior e a Educação Básica, com ações articuladas em todos os níveis de ensino, das séries iniciais, ao longo de todo o Ensino Fundamental, até o Ensino Médio, quando os jovens (que podem) escolhem os cursos profissionalizantes.

Além das questões relacionadas à motivação da leitura e das dificuldades da formação dos mediadores há, também, outro aspecto relacionado à questão ideológica da produção literária que, em determinado período, privilegiou a produção literária vinda de determinados grupos sociais dominantes, em detrimento ou exclusão da literatura que tratava do resgate das questões das minorias, como indígenas, negros e mulheres, analfabetos e outros grupos sociais menos favorecidos, conforme atesta Coutinho (2010, p. 36). A partir das transformações ocorridas no século XX e no contexto da História, da Historiografia Literária e da Literatura Comparada, há uma nova concepção regendo outros discursos que visam o acesso a produções que até o momento eram marginalizados: “[...] plural, heterogêneo, representado por múltiplos sujeitos, que dê conta da diversidade dos universos representados [...]” (Coutinho 2010: 31),

Fica evidenciado, portanto, que a “[...] literatura é uma prática discursiva intersubjetiva como muitas outras e sua especificidade, ou melhor, sua literariedade [...]” não passa de uma construção elaborada por razões de ordem histórico-cultural, que traz a representação do discurso de uma classe ou comunidade dominante, que atende aos seus interesses políticos e, ainda, enquanto construção cultural, é passível de mudanças (Coutinho 1999: 71). Legitimação de determinados textos literários é uma convenção cultural, definida por diferentes instâncias, às quais Abreu (2006: 40) faz menção: universidade, cadernos de suplementos culturais dos grandes jornais, revistas especializadas, histórias literárias, livros didáticos, etc. Dentro desse circuito as escolhas literárias são feitas, consagradas e reiteradas, o que provoca a exclusão de outra produção significativa que trabalha a diversidade cultural.

Além desse aspecto há o fenômeno da indústria cultural que invadiu a literatura, para a qual Tutikian (2003) chama a atenção, alertando para que os valores

ditados pelo mercado sejam objeto de questionamento. Nessa esteira, o autor menciona a série Harry Potter, que contém vários produtos, como CDs, bonecos, agendas, etc., mas que não é considerado um produto editorial, mas de *marketing*. Há obras da literatura que foram transformadas em filmes, ou séries que despertam interesse pela obra original, como *Incidente em Antares*, de Érico Veríssimo, entre outros. Em relação ao fenômeno midiático na literatura, Adorno (s/d apud Silva 2002) destaca que o ter é mais importante, e que o individualismo dos tempos modernos é fruto do apelo da indústria cultural, que usa marcas ou mitos criados pela mídia.

É importante que as instâncias educacionais e culturais que promovem a leitura percebam esse contexto político, ideológico e midiático que está por trás das escolhas literárias. Como tem destacado Silva (1997, 2003), o desenvolvimento de uma leitura crítica contempla a compreensão do contexto político-histórico cultural do país. Sendo assim, nas escolas, bem como nas universidades e em outros espaços educacionais, é relevante que se perceba o contexto do panorama da produção cultural oficial e a produção cultural de minorias, periféricas. Ademais, deve ser sempre considerado o pluralismo cultural nas escolhas a serem trabalhadas em sala de aula, ou que compõem os acervos de bibliotecas em seus espaços de atuação no atendimento das comunidades.

Neste contexto, Maia (2012: s/p) enfatiza a necessidade da disseminação nas escolas de que “toda a narrativa é um olhar, uma seleção, um recorte de alguém”, sendo construído, muitas vezes, com ideologias e posições políticas e sociais de um grupo dominante, como comentam Silva (1997) e Abreu (2006).

### Índices de leitura no país

Dados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), com base em pesquisas realizadas em vários países do mundo, revelam que no Brasil, o índice de estudantes das áreas de Leitura, Matemática e Ciência tiveram desempenho abaixo da média da *Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico* (OCDE). Se, contudo, em Ciências e Leitura os dados revelaram estagnação, em Matemática houve pequena queda na *performance* (Brasil 2016).

O Pisa é uma importante referência de avaliação educacional em larga escala no contexto internacional. Desde a sua primeira edição, em 2000, o número de países e economias participantes tem aumentado a cada ciclo. Em 2015, 70 países participaram do Programa. A população-alvo do Pisa é formada por estudantes com idade entre 15 anos e 2 meses e 16 anos e 3 meses no momento da aplicação do teste, matriculados em uma instituição educacional. A pesquisa foi realizada no ano de 2015 e publicada em novembro de 2016. Entre as 72 nações, o relatório mostrou o Brasil na 63ª posição em Ciências, na 59ª em Leitura e na 66ª colocação em Matemática. Em Ciências, os alunos brasileiros obtiveram 401 pontos contra 493 pontos da média da OCDE; em leitura, 407 pontos ante 493; e em Matemática, 377 pontos contra 490.

A prova é coordenada pela OCDE, acontece a cada três anos e oferece um perfil básico de conhecimentos e habilidades dos estudantes. Além disso, ela reúne informações sobre variáveis demográficas e sociais de cada país e oferece indicadores de monitoramento dos sistemas de ensino ao longo dos anos.

Em relação à área denominada “letramento em leitura”, a pesquisa a define como a capacidade de os estudantes entenderem e usarem os textos escritos, além de refletirem e desenvolverem conhecimentos a partir do contato com o texto escrito e de participarem da sociedade. A prova do Pisa avalia o domínio dos alunos em três aspectos da leitura: localizar e recuperar informação; integrar e interpretar; e refletir e analisar, cujos dados possibilitam refletir sobre o contexto na leitura no Brasil.

Além de evidenciar o quanto o Brasil precisa avançar em estratégias estruturantes para melhorar a educação, os resultados do Pisa servem para apontar o que outros países estão fazendo com sucesso e, portanto, quais as políticas educacionais. O Pisa 2015 também apontou a defasagem do investimento brasileiro em educação comparado a outros países do mundo. Segundo o relatório, o gasto acumulado por aluno entre 6 e 15 anos de idade no Brasil (38.190 dólares) equivale a 42% da média do gasto por aluno em países da OCDE (90.294 dólares). O valor, no entanto, é superior ao investido em 2012, quando correspondia a 32%. Para especialistas na área é fundamental aumentar o investimento em políticas públicas na educação para que sejam convertidos os índices em melhores resultados na aprendizagem dos alunos. Alavarse, professor da Faculdade de Educação da USP, se manifesta preocupado, principalmente neste momento político quando recursos para a Educação estão sendo reduzidos “agora, com a PEC do congelamento dos gastos, a tendência é que isso só piore no futuro” (Paiva 2016: s/p). Além desses aspectos, também fica evidente a necessidade de valorização e incentivo à qualificação do quadro docente que atua nos espaços educacionais.

Frente a esses índices, a mudança do perfil de leitura no país é algo desafiador. Nesse cenário, é importante que haja a integração das diversas instâncias educacionais, como escolas e poderes públicos, a fim de conhecer os pontos frágeis dos índices e buscar soluções e alternativas para transcender este quadro. Questiona-se, então: considerando o atual cenário da leitura no país, como as instituições educacionais vêm trabalhando as alternativas acerca das questões da literatura?

Baseio e Barreto (2016: 40) percebem a importância da leitura literária em diversos níveis escolares, particularmente no Ensino Superior. Ilustram a ação docente em qualquer área do conhecimento mediante a oferta da obra de Graciliano Ramos, por exemplo, *Vidas Secas*, sugerindo aos alunos se aprofundarem na leitura do livro, a fim de conhecer os seus personagens, ambiguidades, complexidades, situações e condições de vida em contextos adversos. Desse modo, lhes é oportunizado, como destacam Baseio e Barreto (2016: 40), “enriquecer o olhar para refletir sobre o real”.

Os autores destacam, ainda, a oportunidade de apresentar “a literatura como caminho para a compreensão do outro e de si mesmo”, e destacam a questão do estímulo à leitura literária como “forte aliada à educação do homem integral” e como prática interdisciplinar em qualquer nível de ensino.

A universidade, como instância formadora de profissionais para a sociedade, também deve ser ambiente formador de leitores potenciais com visão crítica do mundo, que saibam lidar com diferentes temáticas, como meio ambiente, direitos civis, violência, sociedade, saúde, entre outras.

Os campos das licenciaturas, áreas relacionadas diretamente com as instituições educacionais e o ensino em níveis Fundamental e Médio, devem

participar diretamente na formação de novos leitores. Algumas dificuldades são identificadas neste campo, uma vez que muitos acadêmicos chegam à instituição com pouca base de leitura.

Para que haja ambientes e acesso democrático ao suporte livro, principal veículo da leitura literária, é importante, enquanto cidadãos, que os acadêmicos cobrem programas que qualifiquem os espaços de circulação da leitura, como a criação de bibliotecas em escolas e ampliação e qualificação das que já estão instaladas. Esses espaços de leitura e informação democratizam o acesso ao conhecimento e à leitura na escola e nas comunidades em que estão inseridas.

### **Ações e programas no campo da leitura literária**

Embora alguns programas promovam a leitura literária no âmbito estadual (*Viagem Literária*, no Estado de São Paulo, por exemplo, que aproxima escritores de leitores, promovendo diálogos e dinamizando a programação cultural das bibliotecas públicas municipais, além de estimular a produção literária) (São Paulo 2017), ainda há necessidade de programas culturais que estimulem a leitura junto às comunidades dos demais Estados brasileiros, bem como a manutenção de outros programas que, apesar das limitações, dão conta de prover os espaços coletivos de acervos qualificados junto às instituições escolares.

Nesse rumo, o Programa Nacional das Bibliotecas Escolares (PNBE), promovido pelo Ministério da Educação, vem atualizando acervos e qualificando bibliotecas nas escolas do país por meio da distribuição de obras de literatura. O Programa possibilitou aos alunos da rede pública o acesso a bens culturais no espaço da biblioteca e vigorou no período de 1997 a 2015, quando se instalou uma crise no governo.

Recentemente houve questionamentos no sentido de modificar o seu formato original e reduzir a sua atuação a fim de fortalecer e qualificar as bibliotecas das escolas em busca da “bibliodiversidade” e promover ações integradas e voltadas à leitura. A proposta atual, porém, está pautada no encaminhamento direto do livro ao aluno, alegando a sua subutilização. Lindoso (2017), editor e jornalista atuante na área da leitura, critica esta posição, afirmando:

Ora, se os livros estão subutilizados, cabe ao MEC desenvolver, ou estimular, programas de formação de professores para seu uso. Induzir os municípios a cumprir a legislação (quase uma declaração de boa vontade, por não prever punição para o prefeito que não a cumpre) que diz que deve haver biblioteca em todas as escolas do país. Mas não, em vez de atacar o problema, prefere-se a máscara da ‘adequação’ e da distribuição dos livros para cada aluno, estimulando o individualismo e a não discussão coletiva dos conteúdos, vivacidade indispensável para que a leitura se arraigue na vida das crianças e jovens.

Dessa forma, apesar de existirem programas que visem qualificar as ofertas de obras literárias, há descontinuidade de políticas que entram em sintonia com as necessidades coletivas e com profissionais que atuam nas escolas (professores e bibliotecários).

Outros projetos de caráter inovador em que a leitura literária e a cidadania andam de mãos dadas, em localidades carentes e de situação de risco, como regiões com índice de violência ou problemas sociais e baixa renda, são experiências que vêm ocorrendo no Brasil. Trata-se das chamadas “bibliotecas parque”, registradas em documentário pelo jornalista Beto Seabra, no seu trabalho *Leitores sem fim*. Este projeto instalado na cidade do Rio de Janeiro criou uma primeira biblioteca-parque na cidade de Mangunhos, em 2010. O trabalho descreve diferentes situações em que a leitura transformou a vida das pessoas, e “[...] contribui para a dignidade de cada um dos depoentes, ganhando o respeito e a admiração da população”.

Essas bibliotecas, enquanto lugar de convivência direta com a leitura, tornaram-se especiais para aqueles que as frequentam, pois são espaços de cidadania, cultura e informação para os seus usuários leitores (Rodrigues 2017). Projetos como esses deveriam fazer parte do cotidiano de muitos cidadãos brasileiros, para que por meio do livro e da leitura literária possam, de fato, construir cidadania e conhecimento, transformando as realidades do país, com grandes diversidades regionais. Este projeto, infelizmente, foi interrompido após a crise do governo estadual do Rio de Janeiro, mas foi uma experiência altamente positiva no sentido de confirmar a importância da literatura e do acesso a espaços culturais junto às comunidades carentes, mostrando como eles podem transformar realidades e oportunizar a democratização da leitura e do conhecimento.

A leitura literária permite abrir caminhos para a formação de leitores, tanto nos diferentes espaços educacionais, escolas, universidades e espaços culturais, quanto bibliotecas inseridas em várias comunidades de leitores. Ademais, a leitura (em suporte impresso ou em ambiente virtual) transforma realidades e é portadora de valores para a humanização do ser humano, a construção do conhecimento e a conquista da cidadania.

O papel do professor, enquanto mediador e motivador da leitura é essencial nesse processo. Silva (2003) comenta o seu papel junto ao bibliotecário no sentido de serem motivadores das ações de leitura. A ação deve ser conjunta, e ser transmitida aos alunos por meio do seu contato com diversos textos, o que leva a concluir que a leitura é o veículo de modificação da vida dos sujeitos em sociedade.

Geraldi (2003: 91), pesquisador do campo da leitura, destaca a leitura como “[...] um processo de interlocução entre leitor/autor mediado pelo texto [...] e que o leitor exerce um papel fundamental apesar de muitas vezes não ser instigado a questionar [...] o leitor não é passivo, mas agente que busca significações.”

Silva (2003: s/p) ressalta que a realidade brasileira é feita de contradições em relação à leitura pois a “grande massa da população não tem acesso ao mundo da escrita e muito menos à literatura.” Aquilo que deveria ser um direito de todos se coloca como um privilégio de poucos. A ação dos professores e dos bibliotecários não pode desprezar este dado, pois é por meio dele que se estabelece o teor político da atuação do trabalho desses educadores, enfatizando a importância da leitura crítica da realidade. O autor destaca que: “Ler criticamente a realidade através dos autores

que a leram criticamente. E mais: transformar essa realidade a partir daquilo que foi conhecido e construído no prazer da leitura – é isso que abaliza a importância do ato de ler no contexto brasileiro” (Silva 2003: 30-31).

Segundo Rodella (2014), muitos teóricos têm comentado a dificuldade de interação entre aluno e texto literário, referindo-se a uma linguagem trabalhada artisticamente. Além disso, muitas vezes, eles são de outro período histórico, havendo uma dificuldade em relação ao vocabulário e um conseqüente distanciamento em relação à literatura, o que faz com que o aluno aceite a interpretação do professor sem a interação efetiva com o texto.

Chartier, pesquisador contemporâneo da História da Leitura, em entrevista, levanta algumas razões do afastamento da escola da literatura, principalmente no Brasil, onde a escola está preocupada somente “[...] em oferecer ao maior número possível de crianças as habilidades básicas de leitura e escrita”. O pesquisador acredita

[...] que os professores devem acolher a literatura novamente, da alfabetização aos cursos de nível superior, como mostram várias experiências pedagógicas. Na França, por exemplo, um filme recém-lançado exibe uma peça de Pierre de Maricau (1688-1763), encenada por jovens moradores de bairros populares (Chartier apud Zahar 2007: 2).

Este relato demonstra uma forma criativa de trazer autores do passado para o momento atual, principalmente clássicos desconhecidos pelos leitores jovens, o que torna atrativa a forma de interação com o texto original.

Outro aspecto é a questão da concorrência das outras mídias com a literatura impressa. Chartier (2011) destaca que a Internet e o uso dos recursos midiáticos poderão ajudar os alunos a conhecer a riqueza do mundo literário. O pesquisador afirma que, apesar de a leitura ser atualmente fragmentada em sua forma no mundo virtual, cada texto é pensado como uma unidade separada de informação. “Essa forma de leitura se reflete na relação com as obras, já que o livro impresso dá ao leitor a percepção de totalidade de coerência e identidade – o que não ocorre na tela. É muito difícil manter um contato profundo com o romance de Machado de Assis no computador” (Chartier apud Zahar 2007).

Chartier (apud Zahar 2007: 3) segue comentando sobre a questão da fragmentação dos conteúdos na Internet, pois

[...] não há nada que obrigue o leitor a ler uma obra linear e a compreender em sua totalidade. Mas cabe às escolas, bibliotecas e meios de comunicação mostrar que há outras formas de leitura que não estão na tela dos computadores. O professor deve ensinar que um romance é uma obra que se lê lentamente, de forma reflexiva. E que isso é muito diferente de pular uma informação a outra, como fazemos ao ler notícias ou um site.

O pesquisador conclui que por todas essas questões não há dúvida de que a cultura impressa continuará existindo, podendo ser mais utilizada paralelamente com vários recursos das novas tecnologias. Exigirá, porém, uma nova postura do professor, pois as novas mídias e tecnologias “[...] trouxeram novos gêneros textuais que o professor não pode ignorar, caso contrário perderá a oportunidade de interagir com a geração digital disposta a aprender e a vivenciar experiências valiosas para o futuro dela” (Silva 2010: s/p).

Apesar do contexto de dificuldades e de situações adversas, provenientes de diversas ordens, como políticas educacionais e falta de valorização do profissional docente, outros poderão ser trabalhados e ampliados pela escola e por instituições educacionais em diversos níveis, como a valorização e ampliação dos espaços que circulam e democratizam a leitura, a exemplo das bibliotecas nos ambientes de ensino, etc.

Quevedo (2002) destaca o trabalho de docentes em diferentes áreas, além da Língua Portuguesa com o texto literário, comentando que há grande satisfação dos professores de História, Geografia, entre outros, ao contarem com o seu suporte na realização de suas aulas. O autor menciona que: “Percebe-se que colegas vêm utilizando narrativas, crônicas e poemas a fim de sensibilizar os alunos” (Quevedo 2002: 73).

Partindo do pressuposto de que a escola é um espaço privilegiado de interação com a leitura e a escrita e também de compromisso com todas as áreas do conhecimento, Neves (1998) se manifesta sobre a organização da obra *Leitura e escrita: compromisso de todas as áreas*. A autora se reporta à discussão da leitura e da escrita como confluência multidisciplinar para a reflexão e ação pedagógica. Para que isso ocorra é importante que cada professor tenha um conhecimento profundo das características do ler e do escrever nos seus campos de atuação a fim de que haja interação e diálogo com as diferentes áreas e o estímulo à leitura.

É na Educação Básica que se inicia o processo da leitura na escola. O professor é o principal mediador e articulador de leituras e escritas significativas, promotoras do crescimento pessoal e social de cada estudante. É ele quem estabelece a vinculação entre o texto que será lido: o livro, a imagem, a fotografia, a partitura, o mundo. É ele quem colabora na compreensão, estimula a busca de sentidos e significados e experiências para o surgimento de novos leitores voltados à leitura de múltiplas formas de linguagem que reconheçam os diversos recursos tecnológicos, disponíveis atualmente para a interação da leitura no cotidiano das pessoas.

Neste sentido, a literatura, ao ser utilizada e percebida como estratégia em sala de aula pelo professor, contribui para uma educação mais humana. Por meio da arte da palavra, as pessoas elevam o seu entendimento intelectual e sensorial tanto de si como do mundo em que vivem (Candido 2011). Adorno (s/d apud Silva 2002) complementa que a arte liberta o homem das amarras dos sistemas e o coloca como um ser com autonomia, humano, livre para pensar, sentir e agir.

O acesso à literatura possibilita ao aluno-leitor a percepção de humanidade e lhe proporciona a consciência desse processo, que não é algo estático, pelo contrário, há relação com as experiências vividas, com o conhecimento de si e com os demais.

Britto (2003: 112), nesta mesma linha, com um viés político, comenta que:

[...] promover literatura, promover leitura enquanto ação política significa que estamos interessados não em promover a leitura em si, mas sim em promover um conjunto de valores e comportamentos humanos dignos, necessários para a própria condição humana, e que estão de alguma maneira muito importante expressos e fundamentados no texto e na arte literária.

Ainda em relação às potencialidades que visam superar as limitações que se apresentam no campo da leitura literária para a concretização de sua prática social, cabe mencionar a instalação de um adequado funcionamento das bibliotecas escolares. Estas devem ser providas de um bom acervo e funcionalidade de seus serviços, com a presença de profissionais capacitados para a organização e tratamento de suas coleções, sem acervos tradicionais, obras literárias e em outros campos do conhecimento, de acervos especiais, com multimídia e com espaço de estudo e ações culturais com a comunidade escolar.

É importante, também, que haja interação entre bibliotecários e professores para a oferta de oficinas literárias, cursos ou oficinas de contadores de histórias, além da realização da própria contação de histórias, dramatização e encenação de obras literárias e outras atividades que despertem no aluno a motivação e o interesse pela leitura. E que tais atividades possam, em alguns momentos, serem estendidas à família, criando nas escolas espaços de interação cultural entre educadores, pais e alunos. Esses encontros podem ser realizados em datas especiais ou planejadas com o propósito de a cultura e a leitura literária estarem mais presentes, tanto na comunidade escolar como no próprio bairro onde a escola está inserida, envolvendo alunos, famílias e comunidade.

Como destacam Alves e Camargo (2008), cabe às bibliotecas um novo papel na ordem mundial: a de contribuir, efetivamente, com ações práticas para a formação de leitores. A respeito dessa nova postura que devem assumir as bibliotecas, Silva e Barzotto (apud Alves; Camargo 2008) manifestam a necessidade do redimensionamento profissional e espacial. Nesse mesmo rumo, Escarpitt e Baker (1975: 108) destacam um novo perfil ao afirmarem que “[...] a biblioteca precisa ser um fórum onde os livros [...] exprimem as alegrias, os sofrimentos, e as preocupações da vida diária, seja nos esportes ou na política, na tecnologia ou no amor, nos problemas sociais ou religiosos”, passando de armazenadora de acervos para disseminadora da cultura. Neste novo enfoque, a biblioteca escolar, escola e demais instituições que participam da formação de leitores, com uma concepção crítica, necessitam rever os seus papéis e formas de atuação dentro do novo contexto que a Sociedade da Informação exige, em que a leitura literária, a cultura e a informação são elementos fundamentais para o desenvolvimento em todos os níveis.

### Considerações finais

Baseio e Barreto (2016: 49), ao analisarem a necessidade da leitura literária no Ensino Superior, mencionam a importância de uma nova postura da escola atual, fundamental espaço de comunicação. A ação educadora se faz num processo de ação

comunicativa e integração entre alunos professores e escola, em busca de compreensão da complexa realidade. Os autores destacam que a coleta e repasse de informações não agregam valores,

[...] se numa análise mais restrita, apresenta condição ineficiente, em uma visão global, percebe-se o quanto nossos alunos perdem oportunidade de novos conhecimentos e compreensão do todo e suas respectivas partes interligadas, ratificando, por conseguinte, a relevância da leitura literária nesse contexto. (Baseio; Barreto 2016: 49).

Apesar das atuais limitações de recursos de diversas ordens, a escola brasileira, o docente e o bibliotecário devem agir de forma proativa diante das limitações que se apresentam no contexto da sala de aula. E, assim, trabalhar a resistência e a dificuldade dos alunos numa relação de interação, promovendo o diálogo e abrindo espaço para que sejam consideradas as suas diferentes escolhas literárias, além do seu repertório literário anterior, que lhes dá base para novos olhares e “leituras do mundo”. A interação entre os sujeitos mediadores e leitores é fundamental para o sucesso e a superação das dificuldades que o panorama nacional apresenta em relação aos índices reduzidos de leitura.

A Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA), no manifesto da Biblioteca Escolar, recomenda utilizar o espaço da biblioteca escolar como uma ferramenta de construção do conhecimento e como espaço de criação literária em que as modernas mídias se aliam ao texto impresso, ou seja, como

espaço de aprendizagem físico e digital na escola onde a leitura, pesquisa, investigação, pensamento, imaginação e criatividade são fundamentais para o percurso dos alunos da informação ao conhecimento e para o seu crescimento pessoal, social e cultural. (IFLA 2016: 19).

Por fim, ressalta-se que a literatura é a expressão da arte humana que caminha ao lado da Educação e de outras expressões da Arte. Ela deve contribuir, por meio de uma atuação humanizadora, na formação de cidadãos leitores mais críticos, solidários, sensíveis às grandes causas prementes da sociedade, como o meio ambiente, a questão das guerras, a intolerância, as injustiças sociais, a violência urbana, as questões éticas, entre outras. Busca, pois, provocar a reflexão desses leitores para que novas ferramentas e tecnologias estejam a serviço do ser humano, do coletivo e do resgate da cidadania.

O campo da literatura é o principal instrumento de reflexão crítica e de construção de valores neste novo contexto pós-moderno. As instituições culturais e educacionais, por intermédio da literatura e do resgate e registro de suas produções locais e regionais, dão expressão às comunidades atendidas, permitindo que façam parte dos acervos e que valorizem a cultura local. Com isso, motivam novas produções culturais e literárias de suas comunidades, permitindo que a leitura vá além de “decifrar signos”, como conclamam muitos teóricos, mas que possibilite novas leituras e visões de mundo, resgatando e motivando o registro de “histórias” e

narrativas dos sujeitos leitores e seus universos. É assim que a cultura local e regional poderá ter voz e vez num mundo “globalizado”.

## LITERARY READING: CURRENT CONFIGURATIONS, LIMITATIONS AND POSSIBILITIES

**Abstract:** The article presents elements related to literary reading and the role of educational institutions in the training process of readers. It also provides an analysis of the 2016 Pisa survey results anting reading, as well as new media and literary text. Furthermore, the article highlights the role of cultural organizations, such as libraries, in promoting reading, and community access to information resources. Finally, it exposes the challenges of literary reading in relation to the training of critical readers with citizenship values in the context of the challenges and expectations of modern society.

**Key words:** Reading. Literary reading. Practices and actions of reading. Citizenship.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2006.

ALVES, Elizeth da Costa Alves; CAMARGO, Flávio Pereira Camargo. A prática social da leitura literária e a formação do sujeito leitor: desafios e perspectivas. *Travessias*, 2008, v. 2, n. 3, pp. 1-19

AMORIM, Teoniza Leite. *A leitura literária e a formação do leitor*. 2010. Disponível em: <<http://webartigos.com/artigos/a-leitura-literaria-e-a-formacao-do-leitor/52155>>. Acesso em: 4 jun. 2016.

ANDO, Marta Yumi. Uma leitura interdisciplinar de estudos sobre leitura. *Acta Scientiarum Language and Culture*, Maringá, 2009, v. 31, n. 1, pp. 85-93.

BASEIO, Maria Auxiliadora Fontana; BARRETO, Vanderlei Fernandes. A importância da leitura literária no ensino superior. *Revista Lumen et virtus*, mar. 2016, v. 7, n. 15, pp. 12-51.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). *Biblioteca Nacional*. 2017. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/sobre-bn/historico>>. Acesso em: 30 maio 2017.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura: a formação do leitor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas. *Brasil no Pisa 2015*. Brasília: MEC, 2016. Disponível em:

<[http://download.inep.gov.br/acoes\\_internacionais/pisa/resultados/2015/pisa2015\\_completo\\_final\\_baixa.pdf](http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/resultados/2015/pisa2015_completo_final_baixa.pdf)>. Acesso em: 2 jun. 2017.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Contra o consenso**: cultura escrita, educação e participação. Campinas: Mercado de Letras. 2003.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CEREJA, William. *Gramática*: texto, reflexão e uso. São Paulo: Saraiva, 1999.

CHARTIER, Roger. *Práticas de leitura*. 5. ed. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

COUTINHO, Eduardo de Faria. A reconfiguração de identidades na produção literária da América Latina. In: ANDRADE, Ana Luiza; CAMARGO, Maria Lucia de Barros; ANTELO, Raúl (Orgs.). *Leituras do ciclo*. Ilha de Santa Catarina; Chapecó: ABRALIC/Grifos, 1999. pp. 249-250.

\_\_\_\_\_. Mutações do comparatismo no universo latino-americano. In: SCHMIDT, Rita T. (Org.). *Sob o signo do presente*: intervenções comparatistas. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2010, pp. 31-42.

DUARTE, Márcia; WERNECK, Leonor. A literatura e o ensino de leitura para o público juvenil. In: CÍRCULO Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos. Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro, ago. 2005, v. 9. Disponível em: <[http://www.virtual.ufc.br/solar/aula\\_link/llpt/Q\\_a\\_Z/semi\\_pesq\\_aplicada\\_ens\\_literat/aula\\_02-1485/imagens/01/duarte.werneck.2005.pdf](http://www.virtual.ufc.br/solar/aula_link/llpt/Q_a_Z/semi_pesq_aplicada_ens_literat/aula_02-1485/imagens/01/duarte.werneck.2005.pdf)>. Acesso em: 30 maio 2017.

ESCARPITT, Robert; BAKER, Ronald. *A fome de ler*. Tradução de J.J. Veiga. Rio de Janeiro: FGV, 1975. 188 p.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 48. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GERALDI, João Wanderley. A linguagem nos processos sociais de constituição da subjetividade. In: ROCHA, Gladys; COSTA VAL, Maria da Graça (Orgs.). *Reflexões sobre práticas escolares de produção de textos*: o sujeito autor. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE, 2003, pp. 15-27.

IFLA. International Federation of Library Association and Institutions. [Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias]. *Diretrizes IFLA para bibliotecas escolares*. Elaboradas pelo Comité Permanente da Secção de Bibliotecas Escolares da IFLA Edição de: Barbara Schultz-Jones e Dianne Oberg, com

contribuições do Conselho Executivo da International Association of School Librarianship. 2.ed. Netherlands: IFLA, 2016. 80 p.

KILIAN, Carina; CARDOSO, Rosane Maria. *Práticas de leitura literária: os casos de França e Brasil*. 2012. Disponível em: <<http://www.unifra.br/eventos/sepe2012/Trabalhos/5338.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2017.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 11. ed. Campinas, SP: Pontes, 2008.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.

LINDOSO, Felipe. *MEC estuda mudar o PNBE: uma análise*. 2017. Disponível em: <<http://www.publishnews.com.br/materias/2017/05/11/mec-estuda-mudar-o-pnbe-uma-analise>>. Acesso em: 22 maio 2017.

MAIA, Elizangela. Tiago da. *Leitura literária: entre escolhas, leituras e mediação*. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSOS CIVILIZADORES: Civilidade, Fronteira e Diversidade. Seminário do Grupo de Pesquisa, 2012, v. 14. Dourados. *Anais...* Dourados, MT: UFGD, 2012, pp. 1-19.

MARIA, Luzia de. *O clube do livro: ser leitor que diferença faz?* São Paulo: Globo, 2009. 333p.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 2015.

MELLO, Cláudio José de Almeida. *Do incentivo à leitura: teoria da literatura, metodologia do ensino e a formação do leitor em questão*. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras, linguística e suas interfaces*, 2010, n. 40, pp. 177-190.

NEVES, Iara C. B. et al. (Orgs.). *Ler e escrever: compromisso de todas as áreas*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1998.

PAIVA, Thais. *Brasil mantém as últimas colocações do PISA*. *Carta Educação*, 6 dez. 2016. Disponível em: <<http://www.cartaeducacao.com.br/reportagens/brasil-mantem-ultimas-colocacoes-no-pisa/>>. Acesso em: 20 maio 2017.

QUEVEDO, Hercílio. F. *Ler é nossa função essencial (ou não ?)*. In: RÖSSING, Tania M. K.; BECKER, Paulo. *Leitura e animação cultural: repensando a escolar e a biblioteca*. Passo Fundo: UPF Ed., 2002. p. 69-81.

RODELLA, Gabriela. *A literatura não tem de partir dos clássicos*. *Galileu*, 6 jul. 2014. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2014/07/literatura-nao-tem-de-partir-dos-classicos.html>>. Acesso em: 30 maio 2017.

RODRIGUES, Luciana. Leitores sem fim: um documentário emocionante e reflexivo sobre a influências dos livros e das bibliotecas. *Carta Capital*, 29 maio 2017. Disponível em: <<http://biblioo.cartacapital.com.br/leitores-sem-fim-2>>. Acesso em: 30 maio 2017.

RODRIGUES, Maria Fernanda. *44% da população não lê e 30% nunca comprou um livro, aponta pesquisa Retratos da Leitura*. Disponível em: <<http://cultura.estado.com.br/blogs/babel/44-da-populacao-brasileira-nao-le-e-30-nunca-comprou-um-livro-aponta-pesquisa-retratos-da-leitura/>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

SÃO PAULO. Secretaria da Cultura. *Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de São Paulo*. [s.d.]. Disponível em: <<http://siseb.sp.gov.br/programas/>>. Acesso em: 29 maio 2017.

SILVA, Daniel Ribeiro da. *Adorno e a indústria cultural*. Ano 1, n. 4, maio 2002. Disponível em: <[http://www.urutagua.uem.br/04fil\\_silva.htm](http://www.urutagua.uem.br/04fil_silva.htm)>. Acesso em: 25 maio 2017.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura e realidade brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

\_\_\_\_\_. *Leitura na escola e biblioteca*. 8. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

SILVA, Fernando Moreno da. Novas mídias: leitura e produção textual. *Revista Odisseia*, jan./jul. 2010, n. 5, pp. 1-10.

TUTIKIAN, Jane. A indústria cultural e o jovem leitor. *Leitura em revista*, Ijuí, ano 3, n.6, p. 9-12, Jul./dez/ 2003.

VARGAS, Suzana. *Leitura: uma aprendizagem de prazer*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

ZAHAR, Cristina. Roger Chartier: “Os livros resistirão às tecnologias digitais”. *Nova Escola*, ago. 2007. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/938/roger-chartier-os-livros-resistiraos-as-tecnologias-digitais>>. Acesso em: 3 jan. 2017.

ZILBERMAN, Regina, ROSSING, Tania M. K. *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.

---

ARTIGO RECEBIDO EM 15/03/2017 E APROVADO EM 27/07/2017